



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA-CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — ISMAEL PIMENTEL

Redacção e Administração

Proprietário e Director — H. Marques

Cais do Sodré, 88

Tip. — R. Poço dos Negros, 81

LISBOA — PORTUGAL

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

EM GUERRA

PALAVRAS AO VENTO

Ha cerca de dois anos que assistimos, petrificados, á maior das carnificinas em que os povos jámais foram envolvidos, e dizem-nos as inspiradas gazetas burguesas que Portugal tambem vai entrar nessa dança macabra em que as classes dominantes envolveram os pachorrentos povos.

Subdivididas as opiniões e as simpatias quanto á *razão* de qualquer dos combatentes na luta feroz em que se empenhou, **A Sementeira**, como mensageira de uma sociedade de paz e de social fraternidade, não tem manifestado mais do que horror pela canibalesca e condenavel acção em que os homens se deixaram envolver, aniquilando-se e dizimando-se aos milhões.

Que Portugal se lance agora na hedionda contenda, a nossa conduta nada tem a modificar-se na trajetória que havíamos delineado quando nos propuzemos espalhar um pouco dos sociologicos e humanos conhecimentos adquiridos. Eramos contra a guerra e ainda detestamos a guerra; por mais civilizadora que no-la queiram apresentar, não lhe achamos justificação possível. Semeadores de um ideal de bondade e de amor, jámais poderemos defender a suprema, a mais perversa incarnação do mal. A vil acção de matar não se coaduna com o nosso pensamento, nem com o nosso sentimento um tanto filhos das nossas condições e da nossa educação.

Somos pelo bem, somos pela paz; não odiamos ninguem para que lhe desejemos a morte imediata, cruel, sanguinaria.

Á medida que passam os dias e os meses e se observa a forma como o proletariado se comporta em face do tremendo conflito que há ano e meio se desenrola pela Europa, invade-nos, pouco a pouco, uma tristeza, um desalento a que difficilmente se resiste.

Não significam estas palavras, e as que se seguem, censura ou ecisa parecida, pois nada há que censurar; e que houvesse, nunca, por varios motivos, assumiríamos o papel de censor. O que está acontecendo é uma consequencia logica de factos anteriores, do estado mental da população portugueza, das suas condições economicas e politicas.

Se entre o proletariado há, como noutras classes, quem tenha procurado orientar e agir no bom sentido, constitui isso a excepção, e muito fraca, para se ter podido impôr, até agora, á massa geral, vitima de todas as más condições em que tem vivido. Dentro do seu campo de acção, os trabalhadores não podiam deixar de reflectir as qualidades e os defeitos da raça — se assim me posso exprimir — não podiam deixar de ser portuguezes.

Nós somos assim! Vivemos de cabeça no ar, ao sabor dos ruidos que de todos os lados nos chegam, numa mobilidade de pardal, sem poder de attenção demorada, sem gosto, portanto, para procurar conhecer a significação e o alcance dos fenomenos, não compreendendo ou não sentindo interesse pelo que não faz barulho, achando uma maçada esse interesse e maçadores o que o sentem. Isto deve ser defeito de raça, agravado com uma triste educação, durante muitos anos dada pelo-

governantes, por todos os governantes, até agora. São cheias de verdade estas palavras do sr. Brito Camacho, há meses publicadas na *Luta*: — «O regime extinto, procurando apoio na incultura do povo, hipertrofiou-lhe o sentimento.»

Mas também é verdade que o actual regime nada tem feito para combater eficazmente essa hipertrofia do sentimento, antes, pelo contrário, a tem desenvolvido.

Sentimos demasiadamente, pensamos pouco. Disto resulta uma acção desordenada ou uma inacção, uma apatia de sonolentos. Há muito tempo que somos assim e assim continuamos a mostrar-nos. o que é uma bem desconsoladora verificação para quem pensa no futuro d'êste povo.

Desde que rebentou a guerra que nos convencemos de que os proletários portugueses deviam empregar os maiores esforços para se prepararem para a paz, a fim de tirarem dos acontecimentos o maior partido possível, estudando, procurando entender-se uns com os outros, organizando-se, fortalecendo-se, para quando viesse a hora da acção, esta fôsse o que devia ser: energica e reflectida. Êste trabalho, porque era uma preparação, tinha de ser feito com metodo, sem precipitações nem desfalecimentos, sem se perder tempo com discursos ou com fantasias de acção revolucionária, que dão apenas satisfação ao sentimento e não produzem senão desilusões.

Dum ou doutro modo, temos procurado despertar a consciencia da necessidade daquele trabalho, procurado mostrar a conveniencia de os operários se prepararem para a paz. Mas o proletariado parece entender o contrário, julgando que as coisas se farão por si proprias ou que, com discursos e agitações expontaneas, se faz a revolução social ou se conquistam grandes regalias, considerando, quem assim pensa, como dormideiras, empatas e coisas bem peores ainda, de quem os trabalhadores devem desconfiar, de quem se devem afastar.

Se isto nos entristece, não é, de forma alguma, pelo que se possa dizer ou pensar da nossa orientação, pois

isso, por varios motivos, não tem importancia; é porque cremos que são manifestações dum deploravel estado de espirito, duma profunda desorientação, que ha de produzir, para o operariado, bem amargos frutos, reconhecendo-se a verdade quando já fôr tarde.

E, todavia, apesar de todas as tristes verificações que se fazem, apesar de todas as miserias do presente, apesar das dificuldades que se amontoam pela indiferença do proletariado pelos seus proprios interesses, continuamos a apelar para os militantes conscientes, dizendo-lhes que olhem para o futuro, que estudem, se organizem, se unam. Pensar no futuro é pensar no fim da guerra, é estudar o conflito o melhor que se pode, é observar a evolução que se opera nos varios países que conosco mais relações mantem, é reparar para a politica nacional. Tudo isso, que constitui um formidavel movimento de ideas e interesses, é que ha de formar o conjunto de consequencias que, em seguida á guerra, hão de ser a base em que assentará a vida internacional e, portanto, a de cada país. Os povos que neste momento se alheiam do que se passa, como se não pudessem ser tocados pelas suas consequencias, estão condenados a sofrer os peores efeitos da guerra, sem se poderem defend-er, por falta de preparação para a defeza.

Os operários, porém, não querem saber dessas coisas, pensando que isso é «politica» que interessa apenas aos burgueses ou aos intellectuais, que elles tem coisas mais importantes ou mais urgentes em que se ocupar? Nesse caso, só temos que nos resignar, ficando com a triste consolação de que não foi por falta de o apontarmos que o mal se não evitou. Também, porque havia de o operariado fazer excepção entre os portugueses? Nós somos assim e assim continuaremos, até que outra estrutura economica e politica, exercendo se durante anos, transforme êste povo, de modo que as crianças de hoje ou os seus filhos sejam um pouco melhores do que os homens de agora, do que nós: os palradores, os visionarios, os impetuosos, os desordenados ..

EMILIO COSTA